

Capítulo 3

A maioria da Humanidade

Chegamos ao momento de expor brevemente as conclusões às quais, em nosso juízo, se podem chegar a partir dos dos elementos apresentados como exemplo em nossa sucinta exposição da História recente.

Poderíamos ter dado a este sumário o título “Dos principados e potestades”. Os últimos seis séculos, em relação aos dois mil anos que precederam o Renascimento do século 15, ilustram o fato de que são as idéias que fazem a História. As idéias são o que dá forma à ascensão e à queda de civilizações e culturas inteiras, em lapsos de tempo não inferiores a vários séculos. Isto revela quão impotentes e ineficientes são os homens e mulheres que limitam os seus esforços às relações sociais práticas, aos problemas de “carne e osso”, em intervalos de tempo e espaço tão insignificantes como uma ou duas gerações, dentro de alguma região local deste planeta.

Somente se atuarmos eficientemente para dirigir, alterar e desenvolver as idéias que dão forma a meio milênio ou mais de História, em todo o planeta ou em uma grande região dele, causaremos algum efeito deliberado e importante no destino das nações e de civilizações inteiras. O modelo é a história dos últimos seis séculos do que chamamos ciência física. O tipo de influência consciente e eficiente que uma pessoa pode exercer, no resultado de todo um período da História, é exemplificada pelo indivíduo que revive os momentos do passado que correspondem a tipos axiomáticos revolucionários de descobertas científicas e responde a eles, corrigindo-os, legando às gerações futuras uma ciência melhorada.

Na chamada ciência física, pode-se moldar deliberadamente a história da ciência de acordo com as próprias intenções; a chave é ter consciência dos princípios que governam os tipos de descobertas axiomáticas revolucionárias válidas, como já dissemos. Isto exige o domínio do método da hipótese de Platão; não se conhece nenhum outro que cumpra tal propósito.

Todos os conjuntos de idéias que moldam a História por vários séculos são análogos às idéias da ciência física. Cada indivíduo participa eficientemente na modelagem voluntária do resultado da sua própria existência unicamente na medida em que participa, consciente e eficientemente, do domínio das qualidades das idéias que moldam a História.

Não se podem aprender os princípios que moldam a História apenas a partir dos fatos das relações sociais que se experimentam pessoalmente no período da vida de uma pessoa. Muitos propuseram basear supostos princípios em uma experiência tão limitada; inevitavelmente, o que propuseram sempre resultou ser uma idiotice utópica ou algo pior.

Tais “experiências” equívocas são jogadas, com propriedade, na mesma lata de lixo em que se atiram idéias como a da “Terra plana”. São ilusões de pessoas que imaginam viver num Universo de “curvatura nula” e não desejam reconhecer que estão vivendo a história de uma certa “curvatura diferente de zero”, vivendo em uma multiplicidade na qual a direção é determinada segundo a posição que se ocupe na corrente histórica naquele momento particular - direção que não seria a mesma se estivesse em posição diferente na corrente - resultado que não seria o mesmo se a ação transcorresse em uma posição distinta.

Assim, vivemos num planeta povoado em grande parte por Dom Quixotes e Sanchos Panças. A maioria das pessoas vive nas nuvens de alguma fantasia ideológica, seja acadêmica ou de outra natureza, como o Dom Quixote de Cervantes, ou estão tão ocupadas com os seus prazeres pessoais e assuntos familiares que dizem: “Não tenho tempo a perder com a História”. Dom Quixote está disposto a governar a sociedade, mas o faz de forma desordenada. Os Sanchos Panças, mais numerosos, não podem dirigir a sociedade porque nem sequer conseguem governar a si mesmos. Enquanto não levarmos o homem à Era da Razão, que quiséramos fosse a próxima, continuarão forjando a História, em verdade, não as massas humanas, mas um punhado de sujeitos que, para o bem ou para o mal, conduzem os destinos da Humanidade em geral como se levam as vacas para pastar e, às vezes, para o matadouro.

A Era da Razão significa um mundo no qual o indivíduo típico não é nem Dom Quixote nem Sancho Pança, mas uma pessoa eficientemente consciente do papel próprio da breve existência mortal da mente do indivíduo, na moldagem dos milênios da história humana, nacional, regional, planetária e interestelar. Esta Era da Razão não será uma utopia, uma ordem perfeitamente planejada; pela própria natureza das coisas, tel objetivo nunca poderia ser atingido. A própria idéia de

uma utopia, qualquer utopia, nunca serviu nem servirá senão para levar os crédulos à loucura. Simplesmente, será uma era na qual a maioria dos adultos entenderá que a História não se faz com carne ou ossos, mas com principados e potestades, poderes cuja existência se exemplifica na luta dos últimos seis séculos entre o bem e o mal, no domínio do desenvolvimento da ciência física. Será uma era na qual a maioria dos adultos reconhecerá que o significado da vida se encontra em participar da formação das idéias que, por sua vez, moldam a História por períodos não inferiores a vários séculos. Será uma era na qual a generalidade dos adultos reconhecerá a natureza da espécie humana, feita à imagem de Deus, por virtude da criatividade axiomática revolucionária válida, fisicamente eficiente, das idéias. Será uma era na qual a maioria dos adultos atue segundo este conhecimento.

O que faremos enquanto isso, dada a prevalência dos Dom Quixotes, Sanchos Panças e outros tipos piores? A resposta adequada é tão antiga como Platão: os chamados “reis filósofos”. O “rei filósofo” é uma pessoa que aceitou a solicitude de Miguel de Cervantes quanto aos pobres desgraçados da Espanha do século 16, que deixaram de ser Dom Quixotes ou Sanchos Panças. O professor diria: “Esta é uma boa pergunta.” É provável que somente alguns de nós participemos da Era da Razão. A maioria dos cidadãos, mesmo nas nações mais avançadas, continuam sendo Dom Quixotes ou Sanchos Panças. Eles não apenas não se converterão em “reis filósofos”, mas, em sua maior parte, rechaçarão agressivamente qualquer exigência para que deixem de ser Dom Quixotes ou Sanchos Panças. Neste momento, a maioria das nações continuará como a França que Lazare Carnot encontrou, ao aceitar o que parecia ser “causa perdida” - organizar a defesa do país contra todos os inimigos que a invadiam. Isto significa que não há qualquer nação no planeta qualificada para entrar diretamente na Era da Razão, a não ser dentro de várias gerações. Temos de nos contentar com a busca da meta menos ambiciosa, de uma condição intermediária, que poderíamos descrever justamente como a Era da Sobrevivência.

O que podemos desejar, a partir do perigosíssimo momento atual para a Humanidade, são líderes nos quais os povos depositem a sua confiança e estejam moralmente qualificados para isto. A maioria continuará buscando coisas sensíveis, a possibilidade da sobrevivência imediata de suas famílias, a liberdade pessoal e a esperança de desenvolvimento e segurança para seus descendentes, coisas sensíveis e justas, mas cuja obtenção neste planeta é cada dia mais difícil. Os povos procurarão sobreviver como a multidão que trata de sair de um edifício

em chamas; tratarão de escapar do intolerável, sob a direção de líderes qualificados nos quais depositem a sua confiança.

A Era da Sobrevivência será aquela em que os povos tenham tais líderes qualificados e na qual os cidadãos saibam escolhê-los. Os povos reconhecerão tais líderes principalmente por três qualidades: 1) que tenham um histórico de ter prognosticado acertadamente os efeitos de algumas decisões políticas importantes; 2) que não vacilem frente às pressões da “correção política”; e 3) que tenham reconhecido e, conseqüentemente, recebido o ódio mortal das poderosas forças que sustentam, hoje em dia, as tradições de personagens do “Partido Veneziano”, como Bertrand Russell.

Cinco séculos e meio depois do Concílio de Florença, Veneza e seu rebento, o “Partido Veneziano”, atingiram a posição de domínio não apenas sobre as instituições financeiras e a maioria das instituições políticas do mundo, mas também sobre a ciência, as artes e a educação em geral. Sob tal domínio, o mundo está sendo levado à beira de uma hecatombe apocalíptica geral, como a ocorrida no século 14, mas ainda pior. O tempo se esgota rapidamente.

Há três alternativas previsíveis para os anos vindouros. Ou damos marcha-a-ré ao domínio veneziano, ou a facção veneziana implantará uma ditadura mundial, pressagiada pelas propostas da Conferência do Cairo, ou os fracassos de ambas as opções terão como conseqüência um caos planetário pior do que o que açoitou a Europa no século 14.

Só há uma maneira de sobreviver aos perigos que enfrentamos: mobilizar-nos contra as forças do mal, os “principados e potestades” dos quais Bertrand Russell é apenas um exemplo. Para sobreviver, os povos têm que reconhecer o adversário como tal, o quanto antes. Há muito pouco tempo a perder, se é que os povos pretendem sobreviver; em realidade, já é muito tarde. Quando responderem, estarão dispostos a escolher os líderes apropriados. Nossa tarefa é assegurar que encontrem suficientes deles.

Nota final

As pesquisas deste autor e seus associados sobre Veneza envolveram dúzias de pessoas nas últimas duas décadas; em alguns casos, mais do que isto. Toda a análise conceitual da relação entre a obra dos aristotélicos venezianos e a ciência e a teologia européias é obra original do autor. A documentação dos detalhes históricos e a documentação agregada aos arquivos do autor sobre os venezianos resultou do trabalho de eruditos clássicos e outros pesquisadores versados em italiano e latim, ao longo dos últimos 20 anos. Uma vez que a documentação é bastante copiosa, decidimos fornecer a referência apenas quando ela tenha que ver diretamente com o cerne do argumento exposto e não se trate de material bem conhecido da história de Veneza e seus agentes, que são mencionados em outros trabalhos publicados.